

ASCESE E OS ASPECTOS DA FORMAÇÃO HUMANA, INTERFACES COM OS TEMAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO SÉCULO XXI

Leonardo Rocha da Gama

Departamento de Educação Física, Pau dos Ferros, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte,

gama.leonardo@yahoo.com.br

Resumo: A Grécia do século V a.C., inaugura a compreensão de *ascese*. Esse conceito corresponde ao exercício físico propriamente dito, associado as regras de vida (moral) dos gregos. No século XXI, o esporte toma para si uma lógica de mercado que se expressa nas instituições. Na sociedade de consumo a compreensão de saúde, esporte e o cuidar do corpo são para os especialistas em *marketing* fontes de lucro potencialmente inexauríveis. São questões de estudo desse estudo: é possível deslocar o conceito de *ascese* para o tempo atual? Na perspectiva de sociedade de consumo, é possível trazer para a Educação Física escolar, a discussão que cerca o saber ético como uma dimensão da formação humana? A partir da História da Educação e do estudo da Ética, enquanto disciplina filosófica, os objetivos desse estudo são: 1. apontar o conceito mais ampliado de *ascese*, como expressão filosófica para designar um arranjo moral que, acreditamos se deslocar no tempo e que se articula as discussões sobre formação humana; 2. trazer para a Educação Física escolar a discussão que cerca o saber ético como uma dimensão da formação humana, na perspectiva de sociedade de consumo. Esse artigo é estudo argumentativo-reflexivo, cuja organização do conhecimento segue dois eixos de discussão, a saber: 1. História e Filosofia: o deslocamento conceitual do *ascese* pelo tempo; 2. O fenômeno esportivo e a Educação Física no século XXI. Entendemos que o *ascese* é um conceito construído culturalmente. Expomos nossa aposta no profissional de Educação Física desse século, cujo desafio está no tratamento crítico dos conteúdos visto as questões históricas e éticas que os cercam.

Palavras-chave: Ética, educação física, formação humana.

1. INTRODUÇÃO

Introduzimos o esporte em nossa argumentação como parte da Cultura Corporal de Movimento na contemporaneidade. A Cultura Corporal de Movimento é um marcador de conhecimentos tratados pela educação física na escola, identificado nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física (PCNs/EF)¹. Destacamos que o termo foi criado no Brasil, na última década do século XX, a partir da acomodação política entre duas correntes pedagógicas em educação física, na ocasião da produção dos PCNs/EF, a saber: a Crítico Superadora (Cultura Corporal) e a Crítico Emancipatória (Cultura de Movimento)².

¹ Em *Educação Física Escolar frente à LBB e aos PCNs* (CBCE, 1997), o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte apresenta um coletivo de autores na área da Educação Física, de notoriedade, que analisam e apontam entre outras coisas, as contradições que cercam as diferentes correntes da Educação Física brasileira no final do século XXI.

² Ver os PCNs/EF/EF (BRASIL, 1998); Metodologia do ensino de Educação Física (SOARES, 1992); Kunz (1991;1994;1998; 2001).

Conduzidos à origem do fenômeno esportivo, vamos nos deparar com um acervo humano que se refaz a cada cenário histórico e geográfico, aqui postos como marcadores de tempo e do espaço. Mesmo ao identificarmos núcleos muito sutis dessa prática, resgatamos a ideia de esporte na Grécia do século V a.C. A concepção de esporte na Grécia Clássica remonta a ideia de ginástica e sua relação com a formação do homem grego. “A forma típica da ‘escola’ grega nesta época é o ginásio, centro de cultura física e intelectual” (MANACORDA, 2000, p.68). Manacorda (2000), nos revela que a origem da escola na Grécia Clássica, se confunde com a própria lógica e origem do ginásio e seu fim, sendo esse o espaço de formação do cidadão, como àquele que habita as cidades. Essa perspectiva de ginásio e da prática da ginástica não pode ser tomada na mesma perspectiva do tempo atual, uma vez que, no passado, a mesma abrangia as diferentes formas de movimento, por exemplo: as corridas, os exercícios de força, agilidade e até mesmo, das habilidades voltadas para a prática guerreira, por exemplo, a equitação e as lutas. Essa manifestação do esporte na Grécia Clássica remonta uma compreensão complexa da concepção de *paideia*³. Werner Wilhelm Jaeger (2001), filósofo alemão, nos traz informações da formação do homem grego, da Grécia do século V a.C., em que, no sentido lato, *paidéia* corresponde a um conceito de educação do povo grego nesse período, em que o esporte surge como parte da formação do cidadão na Grécia, parte de uma compreensão de educação, condição de interação e convivência dos indivíduos na *pólis*⁴.

A ideia de esporte na Modernidade não corresponde à origem agonista⁵ dos jogos, corridas, equitação e lutas da Grécia Clássica. O esporte, na Grécia do século V a.C., articulava-se a formação do sujeito, inaugurando a compreensão de *ascese*, que correspondia ao exercício físico propriamente dito, associado as regras de vida (moral) dos atletas (ABBAGNANO, 2007). Por sua vez, no século XXI, na atualidade, o esporte reproduz o jogo de força e poder econômico que expressa o modo de produção econômica que foi absorvida e universalizada e que conduz a forma de existência das pessoas, incluindo ou excluindo aqueles que adentram ou vivem à margem dessa cultura. Hoje, o capitalismo toma para si uma lógica de mercado que se expressa nas instituições, inclusive a esportiva. Para Bauman (2009), na sociedade de consumo a compreensão de saúde, esporte e o cuidar do corpo são para os especialistas em *marketing* fontes de lucro potencialmente inexauríveis⁶.

³ Ver também sobre *archáia paidéia*, em *Ilíada* de Homero (2005). Nessa obra, os fatos relatados trazem referências dessa formação na Grécia Antiga.

⁴ Conceito e tipo de cidade dos gregos no Neolítico.

⁵ Do *Agôn*; expressão grega que expressa o sentido de competição, citado por Roger Coillois (1990) como termo para designar uma parte que classifica os jogos por categorias considerando características que os articulam. Além de *Agôn*, há ainda: *Ilinx*, *Alea* e *Mimicry*. Destacamos que nem todas as expressões tem origem grega.

⁶ Ver em *Os consumidores na sociedade líquida-moderna* (Bauman, 2009, p.105).

A partir do exposto, lançamos as seguintes questões de estudo:

1. É possível deslocar o conceito de *ascese* para o tempo atual?
2. Na perspectiva de sociedade de consumo, segundo Bauman (2009), é possível trazer para a Educação Física escolar, a discussão que cerca o saber ético como uma dimensão da formação humana?

A partir da História da Educação e do estudo da Ética, enquanto disciplina filosófica, os objetivos desse estudo são: 1. apontar o conceito mais ampliado de *ascese*, como expressão filosófica para designar um arranjo moral que, acreditamos se deslocar no tempo e que se articula as discussões sobre formação humana; 2. trazer para a Educação Física escolar a discussão que cerca o saber ético como uma dimensão da formação humana, na perspectiva de sociedade de consumo.

Esse artigo se articula as discussões acadêmicas, no cenário nacional e internacional⁷ e traz uma oportunidade de aprofundar o tema da formação ética no âmbito da Educação Física escolar em relação aos fatos históricos que anunciam a *ascese*. Esse tema foi desenvolvido de forma engajada e repercutindo em tempo real, as consequências éticas relacionadas ao conhecimento esportivo e suas implicações na formação humana.

Por entender que o caminho histórico oferece a amplitude necessária à construção da argumentação e o caminho filosófico, oferece a profundidade necessária para as reflexões, esse artigo apresenta a História e a Filosofia como campo de conhecimento, ao mesmo tempo em que expressa a nossa aposta epistemológica nesse estudo. Portanto, esse artigo trata-se de um texto argumentativo-reflexivo, cuja organização do conhecimento segue dois eixos de discussão, a saber: 1. História e Filosofia: o deslocamento conceitual do *ascese* pelo tempo; 2. O fenômeno esportivo e a Educação Física no século XXI.

2. HISTÓRIA E FILOSOFIA: O DESLOCAMENTO CONCEITUAL DO ASCESE PELO TEMPO

Nesse primeiro eixo, buscamos responder se é possível deslocar o conceito de *ascese* para o tempo atual. Para tanto, recorreremos a dois referenciais, a saber: *Paidéia* (JAEGER, 2001) e *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (MAX WEBER, 2013). Em *Paidéia* (JAEGER, 2001), encontraremos os vestígios da formação do homem grego no século V a. C.. Em *A ética protestante*

⁷ Destacamos quatro eventos realizados entre os meses de agosto e de setembro de 2014, em que o tema do esporte em relação aos megaeventos esportivos foi amplamente discutido sobre os diferentes aspectos sociais, filosóficos, econômico, assim como, no campo da educação. X Seminário Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde (Florianópolis, SC, 2014); Seminário Programa Segundo Tempo, Valores no Esporte e Educação Olímpica, Ministério do Esporte (Natal, RN, 2014); *Conference International Association for the Philosophy of Sport*, 2014 (Natal, RN, 2014); *Conferencia 2014, Asociación Latin del Filosofia del Deporte* (Natal, RN, 2014).

e o espírito do capitalismo (MAX WEBER, 2013), encontraremos o conceito inicial sobre *ascese*, para dar início as nossas investigações. Entendemos que essas obras nos oferece as possibilidades sócio filosóficas para compreender o *ascese* enquanto conceito que nos aproxima da formação humana.

Max Weber (2013) que, no século XVIII, nos mostrou a relação entre a ética religiosa protestante, o modo de produção capitalista e a possibilidade de deslocar para outros contextos, a dimensão ética do fenômeno, a partir da construção de um novo entendimento sobre *ascese*. Considerando a *ascese*, em sua origem, relacionada ao contexto das práticas esportivas na Grécia, no Século V a. C., e seu deslocamento histórico para designar as orientações éticas nos diferentes grupos sociais, vemos a possibilidade de deslocar o pensamento ascético para a contemporaneidade.

A partir de Jaeger (2001), numa perspectiva histórica, a primeira concepção de esporte surgiu no contexto de ginástica, na Grécia antes da era Cristã. O autor nos apresenta a *paidéia* como um conceito que corresponde a educação do homem (livre) grego, durante o período clássico de sua história, em meados do século V a. C.. A *paidéia* articulava diferentes conhecimentos, expressão das habilidades humanas. A oratória e a matemática, por exemplo, estavam na mesma escala de importância de outros campos do conhecimento. Os conteúdos da ginástica (equivalente aos esportes na atualidade) e a música eram tão importantes nesse modelo de formação humana quanto era a oratória e a matemática.

Esse modelo de formação do cidadão grego, no século V a. C., não se esgotava na técnica, mas compreendia uma educação moral sem o qual nenhum homem poderia tornar-se plenamente desenvolvido. O homem grego deveria ser um espírito pleno de virtude que se manifesta, por exemplo, na coragem, disciplina, sabedoria e justiça (JAEGER, 2013). Esse recorte histórico nos conduz a origem da prática do *ascese* que, entre os gregos nesse tempo, se aplicava à vida moral articulada a prática dos exercícios físicos propriamente dito. Nesse mesmo período, o *ascese* passou a ser aplicada por pitagóricos, cínicos e estóicos exclusivamente à vida moral em que pesa a limitação dos desejos e renúncias (ABBAGNANO, 2007).

Mesmo entre os cínicos, estoicos e pitagóricos, o *ascese* assumiu compreensões distintas. Para os cínicos, entre 444-365 a. C, o desprezo a todas as convenções sociais e as leis existentes, foi a forma mais expressiva que os rotularam historicamente como seres infernais, em que pesa, a negação das virtudes e de uma vida divina. Porém, o *ascese* para os cínicos estava associado ao retorno à vida simples, conforme à natureza. No princípio do cristianismo, os estóicos influenciaram o pensamento ético cristão. Os mesmos tinham pelo *ascese* um princípio ético baseado na harmonia

e no equilíbrio, como ordenador do cosmo. Para os estóicos, o homem como parte desse cosmo deveria orientar sua vida prática por esse princípio. Entre os pitagóricos, o *ascese* teve um caráter semirreligioso cuja concepção se alimentava da ideia de reencarnação da alma e do aperfeiçoamento moral, a partir de doutrinas provavelmente vindas do oriente (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996). Nessas circunstâncias, partimos da compreensão de que o *ascese* não tem o mesmo sentido no próprio recorte de tempo e de lugar, quando expressamos nuances de concepções desse conceito em seu berço, na Grécia entre os séculos IV e VI a. C..

Mas não foi só entre cínicos, estoicos e pitagóricos que o *ascese* tornou-se um conceito para determinar a orientação ética nos rumos dos indivíduos. No período medieval, na Europa, o *ascese* expunha forte apelo sobre seus indivíduos, cujo comportamento de negação dos desejos e de renúncias legavam a rendição dos pecados e a salvação da alma. Mais à frente, entre os séculos XIV e XVI d. C., com o advento do Renascimento Cultural, sendo a Europa o cenário, o *ascese* foi duramente combatido e sensivelmente substituído por uma nova concepção de *ascese* em que houve uma restauração dos valores ascéticos dos gregos do século V a. C., na recondução do corpo, do movimento e das experiências sensíveis (ABBAGNANO, 2007). Portanto, encontramos uma concepção medieval de *ascese* o que nos permite afirmar que entre os gregos, dos séculos IV e VI a. C., ao século VII, de Weber, o conceito de *ascese* foi deslocado no tempo assumindo diferentes sentidos.

Outras concepções de *ascese* se sucederam entre o séculos IV a. C. e o século VIII, entre elas destacamos as concepções de *ascese* em Spinoza (século XII), Kant e Schopenhauer (século XVIII). Spinoza (1632-1677), filósofo judeu, de origem portuguesa e criado na Holanda, articulou metafísica, conhecimento, antropologia filosófica e moral em uma de suas obras mais conhecidas, se não a mais: *Ética* (2008). Versa o conteúdo dessa obra, entre outras coisas, sobre a natureza humana, em que a beatitude é o fim último do homem [humano].

Em *Ética* (2008), Spinoza expõe sua concepção de ética em cinco partes, a primeira: que Deus é a substância infinita e a causa primeira; a segunda parte trata sobre a natureza e a origem da alma em que o problema do conhecimento é exposto a partir da relação alma e corpo, assim como, trata as ideias como possibilidades de conhecermos a nossa realidade. Na análise que faz da natureza humana, Spinoza (2008), na terceira parte do livro, fala sobre a natureza e a origem do mal (afecções no sentido lato), sendo esse o seu primeiro princípio ético. Na quarta parte do livro, em que trata da servidão humana, ou sobre as forças das afecções, aponta: 1. As consequências éticas de sua concepção da natureza humana; 2. Examina a questão da liberdade; 3. Autocontrole; 4.

Conceitos de bem e mal em relação à natureza humana. Por fim, na quinta parte, sobre as potências do intelecto (ou sobre a liberdade humana), defende uma ética racionalista e uma concepção de felicidade que consiste no “amor intelectual de Deus”, por ele reconhecido, como o lugar do indivíduo no universo. Compreendemos virtude em Spinoza (2008), como aquilo que contribuiu para o ser humano conservar o seu ser, ou seja, para sua autopreservação e é no sentido de virtude que localizamos a concepção de *ascese* da ética spinoziana.

Kant (1724-1804), no campo da ética, deixou de herança: Fundamentação da metafísica dos costumes (1785) e Metafísica dos Costumes (1797-8). O conteúdo dessa herança filosófica expressa a crítica à razão prática, uma tentativa de formulação de uma filosofia moral pura, cuja moral ascética envereda o exercício firme, corajoso e destemido da virtude, em contraposição a ascética monástica. Em sua crítica a concepção de ascética monástica, em linhas gerais, Kant expôs o temor supersticioso dos indivíduos que, ora por horror ou por hipocrisia, costumavam mortificar o próprio corpo, ou seja, a desprezar a si mesmos. Esse filósofo condenou as formas de castigo e a própria ideia de castigo que imprimia à ética monástica naquele tempo, lançando mão de uma proposição de *ascese* que se revelava na conduta moral, em que o indivíduo ao invés do castigo, optasse pelo arrependimento e decidisse à correção dos seus atos (ABBAGNANO, 2007; MARCONDES, 2007).

No século XVIII, Schopenhauer adota o termo *ascese* como instrumento único de liberação em que o homem [o ser humano] dispõe. A ética schopenhauerniana é considerada pessoal e pessimista no que se refere à ênfase que o filósofo deu aos dramas da humanidade e ao “mundo de dor” (ABBAGNANO, 2007). Portanto, a filosofia schopenhauerniana adota uma perspectiva ética de características ascética, onde sua compreensão localizava-se na valorização da dor em detrimento da expressão da felicidade, por que, em linhas gerais, essa felicidade marginalizava a alma em relação ao corpo. Semelhante, o puritanismo religioso, nessa mesma época, trouxe a concepção ascética como um conjunto de valores a serem praticados para a glória do Senhor (Jesus Cristo). Nessa perspectiva ascética da ética protestante, a negação dos prazeres e a negação e renúncia do corpo era o comportamento adotado para o qual a salvação da alma e o acesso ao reino do céu estavam estritamente associados. O que não constitui uma novidade, dado o sentido da *ascese* no período medieval.

Percorremos a ideia de *ascese* que ora se faz na educação Clássica, passando pela concepção medieval que imprime ao corpo uma ética de autonegação, em que a educação foi mediada pela fé, passamos pelos séculos renascentistas e expomos diferentes concepções que expressam na *ascese* formas de manifestação das ações morais que se dão no tempo e no espaço, mas que se materializa

no movimento, a partir dos indivíduos. Nossa reflexão segue sobre a educação contemporânea, cuja sociedade do conhecimento, as tecnologias e sua interlocução com as possibilidades do corpo, o esporte que transforma indivíduos e educa para a vida, a formação humanista nas bases das teorias libertadoras da Educação.

3. O FENÔMENO ESPORTIVO E A EDUCAÇÃO FÍSICA NO SÉCULO XXI

Concluimos no eixo 2 de discussão que o olhar para outros contextos, nos traz compreensões para *ascese*, compreensões essas que se deslocam no espaço e no tempo e nelas se refaz. Considerando o contexto atual, quando nos referimos ao século XXI, uma concepção de *ascese* se constrói e pouco sabemos sobre ela. Não com o mesmo sentido do passado, mas com o olhar reflexivo, nos dedicamos a responder se na perspectiva de sociedade de consumo, segundo Bauman (2009), é possível trazer para a Educação Física escolar, a discussão que cerca o saber ético como uma dimensão da formação humana.

No passado, século V a. C., se a origem do esporte na Grécia se confundia com a origem da escola como parte de um projeto de educação que, entre outras coisas, já institucionalizava a universalização da formação, pelo menos entre os homens, aplicada não apenas ao gesto técnico, mas a vida moral. A prática de atividade física de forma sistematizada, em nosso século, absorve a lógica do mercado que imprime ao esporte um *status* de instituição que se articula aos objetivos do próprio mercado em que esporte é produto e, enquanto tal, deve ser consumido e gerar riquezas para quem o explora. Nesse paradoxo entre formação e mercado, duas lógicas são expressas na epistemologia da Escola e da Economia, duas lógicas que ao nosso ver atendem proposições e interesses que se cruzam.

Inevitável não tratar da Escola, enquanto espaço institucionalizado em que a *práxis* está intimamente associada e as questões mais imediatas, principalmente relacionadas a formação humana. Cerca esse universo, a relação de produção em que vivemos, o projeto de nação que a estrutura central submete a formação dos jovens desse país e uma concepção de *ascese*, como uma unidade ética que expressa a concepção moral de um tempo e de um lugar. Defendemos uma perspectiva de formação humana a partir da relação ética e sociedade.

O fenômeno esportivo, que também nos identifica como seres humanos, nos dá a possibilidade de se relacionar como parte do mundo em que nos situamos. O *ascese* no esporte constitui a projeção ética em nosso tempo, uma relação que se dá no corpo, na relação entre

indivíduos. Compreendemos que esse princípio ético fundamental nos projeta enquanto humanos e que nessa condição, expressamos nossa concepção de corpo e a nossa compreensão de Educação.

Observamos que a Educação Física, neste século, enquanto área de intervenção social, dentro ou fora da escola, volta-se para a formação de sujeitos, atores sociais, a partir de objetivos distintos que aplica e reproduz o esporte no âmbito escolar, supervalorizando esse conteúdo ou mesmo reproduzindo-o a partir da versão social do esporte profissional, modelo exposto com frequência nas mídias, por exemplo, Copa do Mundo de Futebol e Jogos Olímpicos. Associada ao evento olímpico, a Educação Física de hoje tem nas instituições Modernas sua principal referência. O Comitê Olímpico Internacional (COI) é uma das principais instituições que ordena o universo esportivo na contemporaneidade em escala mundial. É a partir do COI que se desenha o cenário esportivo globalizado e os interesses subjacentes ao esporte, incluindo sua reprodução no universo escolar.

O COI, através da Carta Olímpica, vem introduzindo desde o início das Jogos Olímpicos da era Moderna (Séc. XIX), os princípios que norteiam essa que é a maior referência dos esportes em nosso tempo. Esses princípios são compilados no que esse documento denomina de Olimpismo. O Olimpismo traduz todo o princípio ético do desporto na atualidade, entre os valores desse conjunto podemos destacar o de justiça, de respeito e de igualdade. Contudo, alguns fatos esportivos ao longo da história vêm pondo as doutrinas éticas do Movimento Olímpico internacional (Olimpismo) em suspensão. Nas Paraolimpíadas de Londres em 2012, o sul-africano Oscar Pistorius, favorito na prova dos 200m rasos para amputados dos membros inferiores, perde na final para o brasileiro Alan Fonteles Cardoso de Oliveira. Sem considerar o contexto, tudo normal no cenário esportivo em que vencer é o princípio fundamental, considerando que vencer traduz o espírito agonista que caracteriza o fenômeno esportivo. Seria normal se não constássemos outro fato: a diferença das próteses utilizadas pelos corredores. A prótese do brasileiro era nitidamente maior que a do seu principal adversário.

Neste contexto, o que pode ter definido a prova não foi a eficiência do corpo mas, o conjunto de tecnologias que associada ao corpo do atleta potencializou os resultados. O que não constitui uma novidade nos esportes, quando apontamos o ciclismo, o remo e a patinação, como exemplo de expressões esportivas em que a qualidade dos equipamentos é associada aos resultados dos atletas. Recorrentemente se destacam os países que produzem maior volume de tecnologias e informações. Nesse sentido, o princípio de igualdade é corrompido e, por consequência, o de justiça. O uso, mesmo que permitido, de uma prótese que ofereça vantagem ao competidor, ou outro

equipamento, implica na atitude de respeito, no caso, da falta de respeito pelo *fair play*, expressão adotada nas olimpíadas de 1896, em que versa o jogo limpo e justo, por exemplo. Esse tipo de discussão nos leva a pensar no significado do *ascese* para o esporte moderno e sua implicação no século atual.

Podemos pensar no esporte como um fenômeno social que reproduz o jogo de força e poder econômico que expressa o modo de produção econômica vigente. O capitalismo toma para si uma lógica de mercado que se reverbera nas instituições, inclusive a esportiva. O esporte abraça o projeto de capitalismo em que máximas da virtude pouco sinalizam sentido diante do apelo bilionário e midiático dos megaeventos esportivos. Tomemos como exemplo uma máxima que diz: “o importante é competir”. Essa máxima esportiva expressa o apelo ético de resignação aos perdedores quando, por convencimento, conduz a ideia de que o mais importante que vencer é tentar vencer. E aos perdedores, mais que a derrota, realçam o feito do campeão. Contudo, outras palavras aplicadas à ideia, impulsionam as vendas quando comunicam nas publicidades mais recentes que: o importante é competir, desde que se use um tênis nike ou adidas. A relação entre mercado e esporte e a configuração do *ascese* nesse contexto, na contemporaneidade, expressa uma compreensão ética, que deslocado o sentido para o cenário atual, implica na condição e na compreensão humana, vestígios para se pensar o corpo e a aplicação do fenômeno esportivo a um modelo de formação humana.

Recuperemos a máxima romana dos céesares: *panem et circenses*. Por trás de duas palavras estava impregnada uma política de mansidão das massas, em que o pão expressa a política de saciedade e o circo, a política de distração, alienação. Assistimos um desdobramento nunca visto dessa política em nosso país, que pelo atual contexto poderia se institucionalizar a política da cerveja e futebol. Na atualidade, os estádios de cinco anos atrás, voltam a ser arena (das Dunas, Pantanal, Pernambuco, entre outras). Essas arenas seguem uma arquitetura contemporânea, expressão da vida de conforto tão desejada e perseguida por homens e mulheres na Modernidade. Mas esse conforto é privilégio para poucos. Os que foram ou vão assistir ao espetáculo de futebol (o novo circo romano), com direito a adquirir sua bebida alcoólica dentro desses espaços (a representação do pão, no caso, o alimento que entorpece os sentidos) estão dentro dessa lógica ancestral.

Bauman (2009), ao escrever sobre medo, insegurança e cidade, expõe que na sociedade de consumo, a referência de “progresso”, radical manifestação de otimismo e felicidade universal, foi subvertida a um sentimento de incertezas e fatalidades e que, o consumo desloca e projeta o

indivíduo para uma relação de compensação para o peso que a sua existência representa. Nesse sentido, cabe uma reflexão aproximada dessa quase obsessão em relação a realização da Copa FIFA 2014 no Brasil, em que os interesses das multinacionais foram priorizados em relação aos interesses os cidadãos. O próprio Bauman (2009) expõe que a vida urbana expressa nossa condição de humanidade e entendemos que lançar o olhar para o megaevento recentemente organizado em nosso país aponta muito mais que um resultado adverso que eliminou a seleção brasileira, mas, uma forma em que os indivíduos e o seu coletivo manifestam seu viver e a forma de lidar com os aspectos morais e da política e, em particular, das políticas para os esportes neste século.

Como síntese, entendemos que o *ascese* enquanto conceito, se forma na dinâmica das ações de homens e mulheres, convivendo na sociedade; que esse conceito se faz e refaz no tempo e no espaço; que sua representação se materializa no movimento, no gesto e, portanto, no corpo, a partir das relações entre os indivíduos. A expressão desses gestos expõe artefatos da formação humana, entre elas os jogos, as danças, os esportes, as lutas e as expressões da ginástica. Essas práticas correspondem aos grandes blocos de conhecimento tratados pela Educação Física escolar. Expomos como desafio para o profissional de Educação Física desse século, o tratamento crítico desse conteúdo visto as questões históricas e éticas que nos cercam.

REFERÊNCIAS

Athletics – Men’s 200m – T44 Final _ London 2012 Paralympic Games. Disponível em: <
<http://www.youtube.com/watch?v=A9Wlp1sTnoY> > Acesso em: 12 out 2014.

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. Vida líquida. Trad. Carlos Alberto Medeiros. – 2 ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAILLOIS, Roger. Os jogos e os homens. Lisboa, Pt. Ed. Cotovia, 1990.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (Org.). Educação Física Escolar frente à LBB e aos PCNs. Ijuí: Sedigraf, 1997.

Comité Olímpico Internacional. Carta Olímpica. Suíça, 2013. Disponível em:
http://www.olympic.org/documents/olympic_charter_en.pdf

CONFERENCE INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR THE PHILOSOPHY OF SPORT. 2014. Natal, RN: Association for the Philosophy of Sport.

CONFERENCIA 2014, ASOCIACIÓN LATIN DEL FILOSOFIA DEL DEPORTE. 2014. Natal, RN: Asociación Latin del Filosofia del Deporte.

GAMA, Leonardo Rocha da. Copa FIFA 2014 no Brasil: legado da miopia vivida pela sociedade brasileira no século XXI, In. Seminário Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde em Florianópolis, SC, 10., 2014, Florianópolis, SC. Resumos... Florianópolis, SC: UFSC, 2014. p. 393.

HOMERO. Ilíada. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Livros Cotovia, 2005.

JAPIASSÚ E MARCONDES. Dicionário básico de filosofia. 3ª ed. Ver. E ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

JAEGER, W. W. Paidéia: a formação do homem grego. Trad. Artur M. Parreira. 6ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KUNZ, Elenor. Educação física: ensino & mudança. – Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 1991.

KUNZ, Elenor. Transformações didático-pedagógica do esporte. – Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 1994.

KUNZ, Elenor. Didática da educação física. – Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 1998.

KUNZ, Elenor. Didática da educação física 2. – Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2001.

MANACORDA, M. A. História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias. Trad. Gaetano Lo Monaco – 8ª Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MARCONDES, Danilo. Textos básicos de Ética, de Platão a Foucault. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

OLIVEIRA, Alan Fonteles Cardoso de. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=RCoR-bVdndA> > Acesso em: 12 out 2014.

SEMINÁRIO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO, VALORES NO ESPORTE E EDUCAÇÃO OLÍMPICA. 2014. Natal, RN: Ministério do Esporte, BRASIL.

SOARES, C. L. [et. AL.] Metodologia do ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

SPINOZA, Benedictus de. Ética. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. – 2. Ed. – Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2008.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. Trad. Mario Morais. São Paulo: Martin Claret, 2013.

X SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, LAZER E SAÚDE. 2014. Florianópolis, SC. Anais... Florianópolis: UFSC, 2014. 424 p.